



*Um chapéu
para viagem*

MEMÓRIAS

Copyright © 2010 by Gattai Produções Artísticas Ltda.

1ª edição, Record, Rio de Janeiro, 1982

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico

da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico

Rita da Costa Aguiar

Imagem da capa

Xilogravura de Calasans Neto

Pesquisa iconográfica

Bete Capinan

Preparação

Cristina Yamazaki/ Todotipo Editorial

Índice onomástico

Todotipo Editorial

Revisão

Huendel Viana

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Gattai, Zélia

Um chapéu para viagem: memórias/ Zélia Gattai.

— São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1593-8

1. Amado, Jorge, 1912-2001 2. Escritores brasileiros — Biografia

3. Gattai, Zélia, 1916-2008 4. Memórias autobiográficas I. Título.

09-12655

CDD-928.699

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores brasileiros : Biografia 928.699

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

DEZEMBRO DE 1945 — VÉSPERA DE VIAGEM

Tudo arrumado, malas prontas, o apartamento com ar de abandono. Partiríamos no dia seguinte para o Rio de Janeiro. Jorge acabara de ser eleito deputado federal por São Paulo.

Convocado meses antes pelo Partido Comunista, do qual era membro, foi-lhe comunicado ter sido seu nome um dos escolhidos para compor a chapa de candidatos do partido a deputado federal por São Paulo, nas eleições marcadas para 2 de dezembro daquele ano de 1945. Jorge relutara em aceitar, não nascera para político profissional, a atuação parlamentar não o tentava. O que desejava era escrever — sua única vocação —, viajar, ser dono de seu tempo. Não conseguira, no entanto, safar-se da tarefa; os argumentos apresentados convenceram-no: seu renome de escritor ampliaria a chapa, sua popularidade arrastaria votos. Concordou em ser candidato, com uma condição: eleito, renunciaria em seguida ao mandato, cedendo a cadeira no Parlamento a seu suplente.

Os dirigentes tinham razão: Jorge foi eleito com votação excelente; pessoas que não votariam em outro candidato comunista votaram no escritor. Detalhe curioso: obteve a maioria dos votos da colônia judaica, apesar de concorrer também

a uma cadeira no Congresso Nacional um judeu ilustre, Horácio Lafer.

Jorge esperava apenas chegar ao Rio para concretizar sua renúncia. Em seguida partiríamos para o Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, em necessitadas e merecidas férias.

Na viagem para o Rio faria minha estreia em avião. Jorge me perguntara se estava com medo de voar e eu lhe dissera que não tinha medo de avião nem de nada; nem mesmo de enfrentar Lalu, acrescentei. Lalu era a forma carinhosa com que marido e filhos tratavam dona Eulália Leal Amado, mãe de Jorge. Já sabia tudo a seu respeito de tanto ouvir falar; tudo e mais ainda, pois seu filho mais velho divertia-se em me assustar:

— Lalu é fogo! — dizia ele. — Vá se preparando! Matreira, sabida como ela só! Tem sangue índio; é desconfiada e curiosa... se prepare para passar no exame... Vai te espremer, te apertar no torniquete, querer saber tudo de tua vida...

Jorge me contara que, havia muitos anos, Lalu perdera a audição:

— Vá se preparando para gritar se quiser que ela te ouça, mas, sobretudo, para ouvir... Minha mãe gosta de contar casos dos filhos, e se você der corda ela vai longe... Tome cuidado, nunca se atreva a fazer queixas de mim — ria divertido. — Para dona Eulália não existe nada no mundo tão perfeito quanto os três filhos. Ela mente um pouquinho... — disse e foi logo corrigindo: — Mente, não, inventa histórias fantásticas! Tem uma imaginação prodigiosa!

Essa fora a maneira que Jorge encontrara para me apresentar sua mãe e o fazia com graça, entre risadas. Confusa, eu não sabia se devia lhe dar ouvidos ou não. Do coronel João Amado, o pai, as informações eram mais alentadoras:

— O Coronel é alegre, bastante franco, às vezes um pou-

co rude, diz as coisas na cara... Só fala aos berros. Acostumado a gritar com os jagunços no tempo da conquista da mata, continuou por hábito e por necessidade, com o problema da surdez de mamãe. Boa pessoa, é um grande coração.

Jorge não escondia sua admiração pelos pais. Naquela última semana de São Paulo, ele lhes telefonara várias vezes para o Rio, onde viviam, hóspedes de um pequeno hotel na rua Santo Amaro, o Hotel Ópera. Chamadas interurbanas, difíceis de serem obtidas, com horas e horas de espera, requerendo um tom de voz especial, gritado e prolongado, voz de longa distância:

— ... É... Chegamos no domingo... meio-dia mais ou menos... Olhe! Vou casado! Já sabia?... o nome dela é Zélia... é... Zélia... Olhe, diga à minha mãe que ela vai gostar da nora... o senhor também, é claro... diga a Joelson para ir com vocês ao aeroporto...

UM CHAPÉU PARA VIAGEM

Fanny Rechulski, secretária de Jorge, quis saber qual chapéu eu usaria na viagem.

— Chapéu? — admirei-me.

Não cogitara disso, nem pensara usar chapéu... Havia muito tempo que não possuía nenhum.

— E você acha que é preciso chapéu para viajar de avião, Fanny?

— Bem, preciso não é... mas cairia bem. O chapéu sempre dá um toque chique, dá mais importância... Teus sogros não vão esperar vocês no aeroporto?

— Os velhos e Joelson também... — respondi, rindo para Fanny com malícia.

Joelson, o segundo irmão de Jorge, estudante de medicina, havia pouco estivera em São Paulo e tínhamos pilheriado, inventando um imaginário casamento de Fanny com ele. Joelson regressara para o Rio mas a brincadeira perdurava.

Fanny já trabalhava para Jorge havia algum tempo, quando eu me mudei para o apartamento que ele ocupava na avenida São João, em agosto de 1945. A partir daquela data, tornara-se pública a nossa ligação. A notícia espalhou-se rapidamente e não faltaram comentários.

Bastante relacionada e por dentro dos disse que disse, em geral desfavoráveis, Fanny me punha a par das últimas novidades. A minha união com Jorge incomodara muita gente, transformara-se num pequeno escândalo, repercutindo nos meios de esquerda e em portas de livrarias. Agora íamos partir deixando para trás todos aqueles mexericos.

Ao regressar do almoço, naquela tarde, Fanny trouxe uma caixa de papelão redonda, dentro dela um chapéu de feltro bege.

— É para tua viagem, combina com a saia marrom e a blusa creme que você vai usar. Ganhei de presente de minha tia Cora, está quase novo, veja. Usei pouco, só umas duas ou três vezes.

A tia de Fanny, chapeleira famosa, cobria e enfeitava as cabeças das damas mais chiques de São Paulo e Rio. Um chapéu com etiqueta Cora custava um dinheirão, não era para qualquer uma. Segundo Fanny, a tia ficara “podre de rica” fazendo chapéus. Aquele que eu acabava de ganhar era sóbrio e elegante: aba levantada de um lado, caída do outro, cobrindo a orelha direita em ligeira curva.

Sem dar tempo para outras explicações, meti o elegante Cora na cabeça:

— Deixa ver se me fica bem...

Segurando pela parte desabada, puxei-o para baixo. Ouvi apenas um grito assustado de Fanny:

— Ai!

Meus dedos se enterravam na parte levemente em curva do feltro, varando-a de lado a lado. A pobre moça, coitada, estava sem jeito. Eu não lhe dera oportunidade de me fazer o histórico da preciosa prenda. Ela a havia recebido das mãos da tia com a recomendação de que tivesse todo o cuidado ao colocá-lo na cabeça. Uma freguesa grã-fina, que o encomendara, havia estragado o chapéu, esgarçando o feltro ao experimentá-lo, forçando os dedos na aba, sem modos, estabanadamente (como eu o fizera, certamente), e, ao vê-lo inutilizado, ainda tivera a petulância de não assumir a culpa, recusando-se a receber e a pagar a encomenda.

Muito decepcionada com o acidente, Fanny me explicou tudo. Tratei de tranquilizá-la:

— Pode deixar, Fanny, que eu dou um jeitinho...

Após uma passadela de ferro com um pano úmido e vapor e um cerzidinho invisível, o chapéu voltou à sua forma, quase perfeito. Enchapelada, chique e distinta, eu estava *comme il faut* para enfrentar os sogros.

ORIGENS

Filha de imigrantes italianos, Angelina e Ernesto Gattai, nasci na capital de São Paulo. Descendente de anarquistas toscanos, o menino Ernesto havia chegado ao Brasil, com os pais e vários irmãos, no fim do século XIX, integrando um grupo de revolucionários, na célebre aventura da fundação da Colônia Cecília, experiência anarquista em plena selva brasileira.

Meus avós maternos, católicos, vieram para o Brasil, trazendo os filhos ainda crianças, para substituir nas fazendas de café, em São Paulo, a mão de obra escrava, após a abolição.

Meu pai perdeu a mãe ainda menino. Permaneceu fiel aos ensinamentos recebidos na infância: “Sou um livre-pensador”, assim se definia. Quanto à religião, gostava de repetir uma frase que provocava polêmica e o divertia: “Somos ateus, graças a Deus!”.

Criada na religião católica, mamãe, no entanto, não precisou “virar a casaca” para adotar as ideias do marido. Ao encontrá-lo, já pensava da mesma forma que ele. Angelina e Ernesto conheceram-se em São Paulo, ainda adolescentes, quase crianças, em festas proletárias, no popular bairro do Brás, onde residiam. Artistas amadores, participavam de representações de peças de autores anarquistas, encenadas no palco do Teatro Operário de São Paulo. Um deles, Pietro Gori, era o ídolo de dona Angelina, que conhecia os textos de suas peças de memória e os repetia, na ponta da língua, até o fim de sua vida.

Operários de profissão, mamãe operária têxtil, papai mecânico, sem terem conseguido fazer nem mesmo o curso primário completo, possuíam, no entanto, pendores culturais, arraigado gosto pelas artes, pela literatura. Não se realizaram em suas vocações, a vida não lhes deu condições.

Minha mãe, apaixonada por teatro, romance e poesia, ávida leitora, teria sido, disso estou certa, uma intelectual, mas não pôde ser.

Apassionado por automóveis, entendido em máquinas e motores, meu pai fazia incríveis cálculos matemáticos em suas “contas de cabeça”, sem precisar de lápis e papel, para achar a solução correta de um problema. Teria sido, não resta a menor dúvida, um engenheiro de mão cheia; mas não pôde ser.

A mais nova dos cinco filhos do casal, passei minha infância e adolescência com meus irmãos, acompanhando meus pais a festas proletárias, ouvindo conferências políticas, recitando poemas de Castro Alves e de Guerra Junqueiro nos palcos das Classes Laboriosas e da Lega Lombarda — locais de reuniões de trabalhadores —, sobretudo nas datas comemorativas, como o Primeiro de Maio.

Criada e educada num ambiente de mundo sem fronteiras, jamais fiz distinção de raças ou de cor; aprendi a julgar os homens por seus méritos. Meus mestres, dona Angelina e seu Ernesto, não puderam dar aos filhos escolas superiores, nem diplomas de faculdade, mas, em compensação, lhes deram o interesse pela cultura, pelas questões sociais, o amor à paz, à justiça, à humanidade, buscaram abrir-lhes os olhos e o espírito para os problemas da vida.

AS TRÊS MOÇAS SE CASAM

Das minhas irmãs, Wanda, a mais velha, casou-se aos vinte anos. Depois foi a vez de Vera, a segunda; eu fui a terceira e última das meninas a eleger marido.

Casei-me aos dezenove anos. Noivo escolhido entre vários candidatos, esse tinha uma qualidade a mais: era também, como meus pais, um “livre-pensador”. Mas, ainda assim, o casamento não deu certo, durou alguns anos e, como saldo positivo, ao dissolver-se a união, coube-me a alegria de um filho, e amigos que conheci durante o tempo de casada, amigos queridos com os quais eu prolongava e aprofundava o ambiente da casa paterna: o interesse pela cultura e pela política. Os mesmos amigos que me ajudaram a superar a dor que me causara a perda de meu pai, em 1940.